

## ***Práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos do sítio Serra do Evaristo I, município de Baturité, Ceará***

Funerary practices of prehistoric ceramists groups  
of the Serra do Evaristo I site, municipal of Baturité, Ceará

*Viviane Maria C. de Castro*<sup>1</sup>

*Claudia Alves de Oliveira*<sup>2</sup>

*Sérgio Francisco S. M. da Silva*<sup>3</sup>

*Igor Pedroza*<sup>4</sup>

**RESUMO:** Todas as sociedades adotam algum procedimento para dar um destino aos seus mortos. Esses procedimentos envolvem ações realizadas na preparação do morto e na destinação final do seu corpo. Em algumas sociedades, as práticas envolvem complexos e extensos rituais. Compartilhando da ideia que os vestígios funerários constituem os remanescentes dos rituais funerários, este artigo apresenta uma caracterização inicial das práticas funerárias dos grupos ceramistas do sítio pré-histórico Serra do Evaristo I, localizado no Município de Baturité, norte do Ceará, Brasil. O estudo foi realizado por meio da análise dos remanescentes ósseos, acompanhamentos do contexto arqueológico de seis deposições funerárias. Como resultados são apresentados, de forma preliminar, os elementos de recorrência que caracterizariam as práticas funerárias naquele sítio como o enterramento individual e primário, e o uso de vasilhas cerâmicas com a função de urna funerária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas Funerárias. Grupos ceramistas. Serra do Evaristo.

**ABSTRACT:** All societies adopt a procedure to give a destination to their dead. These procedures involve actions taken in the preparation of dead and the final destination of your body. In some societies, practices involve complex and extensive rituals. Sharing the idea that funeral traces are the remaining of funerary rituals, this article presents an initial characterization of the funerary practices of ceramists groups from Serra do Evaristo I prehistoric site, located in Baturité city, north of Ceará, Brazil. The study was conducted by analyzing the skeletal remains, accompaniments archaeological context of six funerary deposits. The results are presented on a preliminary basis, the recurrence of elements that characterize the funerary practices of that site as the individual and primary burial, and the use of ceramic vessels with the coffin function.

**KEYWORDS:** Funeral Practices. ceramists groups. Serra do Evaristo.

### **Introdução**

Os rituais funerários não representam apenas uma ação para dar um destino ao corpo. Estão relacionados às escolhas culturais de cada grupo e, através de pesquisa arqueológica,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). vivianemcc@gmail.com.

<sup>2</sup> UFPE. olivas@hotmail.com.br.

<sup>3</sup> UFPE. arqueologiaforense@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE. igorpedroza@gmail.com.

podemos recuperar parte desse processo cultural. Evidências arqueológicas podem indicar preocupação, cuidado, ações deliberadamente pensadas em torno da morte. Isto está representado, entre outras maneiras, pela presença e variedade de objetos, pela arrumação do corpo de adultos e crianças, pela quantidade de indivíduos numa mesma cova e pela escolha do local do enterramento.

Todas as sociedades realizam procedimentos para preparar os corpos de seus entes. São procedimentos de deposição do corpo e constituem um processo cultural. Contudo, muitas práticas podem não ter deixado evidências no registro arqueológico, enquanto outras foram realizadas com práticas que envolviam complexos e extensos rituais.

Os vestígios funerários constituem os remanescentes dos rituais funerários que podem ser utilizados no estudo de grupos pré-históricos. As práticas funerárias, como a parte material e técnica dos rituais, são definidas, de acordo com Silva (2001), pela relação das disposições de ordem técnica e ritual que um determinado grupo realiza diante da morte de um de seus membros. Essas práticas se referem às ações realizadas na preparação do morto e na destinação final do seu corpo. Envolvem a posição do corpo e a disposição dos membros, inferiores e superiores, a preparação e forma da cova, os materiais utilizados para forrar e/ou cobrir a cova, os elementos utilizados como envoltórios e os materiais presentes como acompanhamentos. As estruturas funerárias resultam assim, do comportamento dos grupos perante a morte.

Distintas práticas funerárias foram realizadas pelos grupos ceramistas pré-históricos que habitaram o nordeste do Brasil. O contexto das pesquisas realizadas na região nordeste, com evidências funerárias, apresenta dados sistemáticos, resultantes de pesquisas em áreas arqueológicas já delimitadas, mas também informações pontuais, com achados e pesquisas realizadas em sítios individuais, sem configurar estudos regionais. Em relação aos estudos das práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos observa-se a presença de distintas formas de tratar os mortos, porém com alguns pontos em comum como a utilização de vasilhas cerâmicas, e a incorporação de cachimbos, adornos e/ou fragmentos cerâmicos associados aos enterramentos. Em alguns casos a vasilha toma a função de envoltório, ou seja,

cumpra a função de envolver o corpo se transformando no que se denomina de urna funerária, como também na função de tampa, cobrindo a urna. Em outros a vasilha é parte dos acompanhamentos funerários estando presente no contexto do enterramento; já em outras situações há a presença de fragmentos cerâmicos como parte dos acompanhamentos.

O Sítio do Evaristo I situa-se no município de Baturité, na porção norte do Estado do Ceará, nordeste brasileiro. As datações absolutas por radiocarbono ( $^{14}\text{C}$ ) e por termoluminiscência<sup>5</sup> (TL) sugerem uma ocupação em períodos distintos para os grupos ceramistas no Sítio Evaristo I entre 653-555 cal BP (1395-1297 cal AD) (UE011, Beta-328350) y  $530 \pm 95$  (1557-1447 cal AD) (UE03, Lab Cod-3622) (OLIVEIRA; PEDROZA, 2014). Neste sítio foram evidenciadas e escavadas 18 vasilhas cerâmicas que estavam localizadas ao longo da área do sítio Evaristo I. Das 18 vasilhas constatou-se, que em apenas seis havia remanescentes humanos.

No estudo das práticas funerárias, iniciadas no Sítio Evaristo I, várias questões estão sendo levantadas com a finalidade de caracterizar e identificar o comportamento desses grupos pré-históricos, como por exemplo, quais são os elementos caracterizadores de suas práticas funerárias? Existem elementos recorrentes comuns nas seis deposições funerárias? Como essas práticas podem ser relacionadas às outras ocupações de grupos pré-históricos no Brasil? Essas seis deposições funerárias pertencem a indivíduos específicos, diferenciados pelo sexo ou pela idade? Houve sepultamentos nas outras doze vasilhas e os processos pós-deposicionais atuaram na destruição das evidências ósseas? Ou rituais destrutivos afetaram a materialidade funerária? Na grande extensão do sítio arqueológico, ainda não estudado, haveria outras estruturas funerárias?

Do ponto de vista epistemológico questiona-se se é possível o estabelecimento de recorrências em seis deposições funerárias e se essas são suficientes para caracterizar as práticas funerárias realizadas no Sítio Serra do Evaristo I.

Considera-se que, apesar do limite amostral, é possível perceber alguns elementos que indiquem, mesmo que parcialmente, parte da materialidade atrelada aos rituais realizados e que são suficientes para identificar as práticas funerárias que foram realizadas nos indivíduos

sepultados no sítio Serra do Evaristo I. Deste modo, procura-se caracterizar as práticas funerárias evidenciadas nesse sítio, com a finalidade de identificar o comportamento desses grupos para inserir os resultados do norte do Ceará no contexto das pesquisas realizadas na região nordeste sobre os grupos ceramistas pré-históricos.

Trabalhos sobre as práticas funerárias de grupos pré-históricos ceramistas são ainda iniciais, no estado do Ceará. Não há até o momento nenhuma caracterização prévia sobre as práticas realizadas, nem para os vestígios ósseos humanos, em contexto funerário. Por isso o trabalho realizado no sítio do Evaristo I representa uma primeira tentativa de caracterização tanto das práticas funerárias como do estudo dos vestígios ósseos.

### **Aportes Teóricos**

O termo *Arqueologia funerária*, *Arqueologia da morte* ou *arqueologia das práticas funerárias* - define uma área de pesquisa adotada para analisar e interpretar questões relativas ao fenômeno da morte através de dados mortuários, informações encontradas no contexto arqueológico, antropológico ou histórico que remetem às práticas funerárias, parte dos rituais funerários.

As terminologias e classificações utilizadas para a descrição e análise de deposições funerárias e seus conteúdos culturais e biológicos, inseridos em diferentes contextos arqueológicos, são tratados em Brothwell (1981), Buikstra e Ubelaker (1994), Sprague (2005), Weiss-Krejci (2011) e Pettitt (2011). No Brasil, Silva (2005/2006) e Silva e Calvo (2007) procuraram trabalhar com conceitos e terminologias em Arqueologia funerária.

De modo geral, os arqueólogos buscam por meio dos elementos da tríade componencial, que forma a estrutura funerária: o corpo, a cova, e os acompanhamentos funerários para inferir as similaridades e das diferenças, identificar traços da organização social, das relações de poder e de status, elementos de representação, e, legitimar o poder e as hierarquias. Como também definir padrões de sepultamento, identificar as formas de sepultamento, e verificar se ocorreu continuidade ou não nas práticas. Também realizam

estudos para investigar sobre o estado físico dessas populações, dieta, doenças, *causa mortis*, entre outros.

As práticas funerárias das populações pré-históricas podem ser explicadas, principalmente, por dois pontos de vista, assim sintetizados:

1- Como reflexo da organização social, como um indicador de hierarquias ou diferenças baseadas na posição social, na idade ou no sexo. A presença de diferentes objetos no contexto funerário é utilizada para justificar as diferenças sociais.

2- Como parte do ritual funerário, pois estão carregadas de símbolos, regras, posturas e ações inerentes a qualquer rito; envolve uma série de ações técnicas, assim como apresenta elementos simbólicos materializados que representam relações sociais, concepções de vida e de morte, identidades, relações de poder e ideologias;

Para um estudo arqueológico das práticas funerárias não é necessária uma separação radical entre as abordagens arqueológicas. Existem diferenças, mas que “[...] podem ser integradas numa visão mais abrangente do passado [...]” (ALARCÃO, 1996, p.7). É importante ressaltar que a partir da visão pós-processual, muitos aspectos foram levados em consideração nas análises das estruturas, da distribuição espacial e das relações sociais: a dimensão ritual, o papel da ideologia, a simbologia, a memória coletiva. Aspectos importantes para um estudo das práticas funerárias.

Os primeiros enfoques, a partir da arqueologia processual, consideram que o social está presente na cultura material (SAXE, 1970; BINFORD, 1971; TAINTER, 1978). De acordo com Binford (1971), os artefatos são parte do sistema cultural humano. As evidências do contexto funerário são reveladoras de aspectos da organização social. O sexo, a idade e a posição social são critérios de diferenciação. Binford (1971) defende que nas sociedades igualitárias as posições de status se limitam às diferenças de sexo e idade, e nas sociedades complexas as posições são mais fechadas e estão relacionadas às relações de parentesco e posição social. Em sua opinião, propõe que a variabilidade nas práticas funerárias deve ser entendida como variabilidade na forma e na organização social. Para Saxe (1970) os dados mortuários podem ser utilizados para fazer inferências sociais. Assim, no estudo das práticas

funerárias as diferenças e semelhanças entre sociedades estão refletidas nos acompanhamentos funerários. Contudo, complexidade ritual não significa complexidade social.

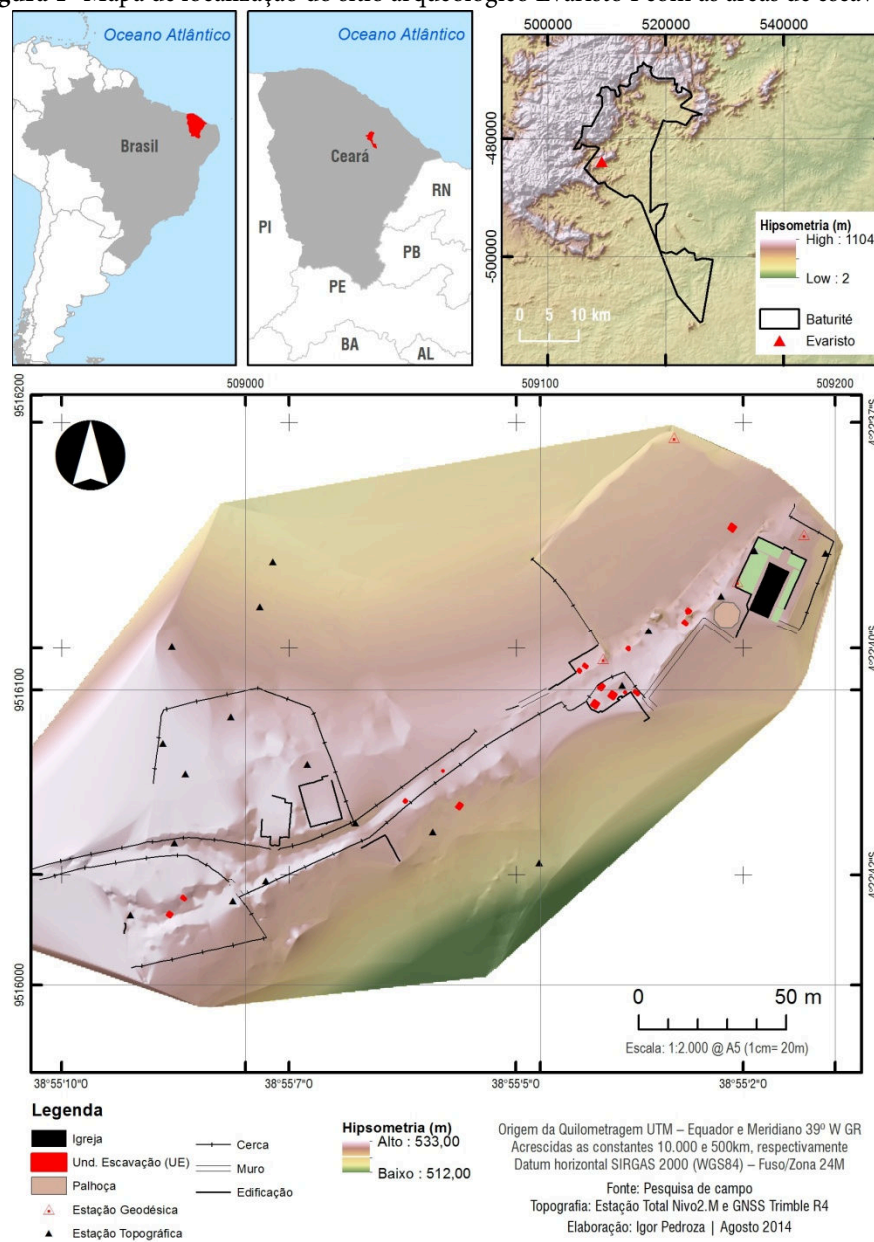
Por sua vez, o estudo das práticas funerárias pela arqueologia pós-processual foi um novo direcionamento, e, em muitos casos, um aprofundamento, uma complementação das primeiras explicações processualistas. A atenção é direcionada para a diversidade, a variabilidade e para o papel do indivíduo (HODDER, 1991). Principalmente esses estudos são orientados para o caráter ritual das práticas, sua representação e simbologia. Assim, além dos dados funerários serem utilizados para discutir aspectos da organização social, os sepultamentos se tornam vestígios do ritual funerário. Desta forma, o contexto funerário é portador, em sua materialidade, de elementos do ritual funerário. Os rituais são realizados em um espaço específico e com a mediação de objetos. São sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica (PEIRANO, 2000). De acordo com esta autora um ritual apresenta as seguintes características: ordenação; um sentido de realização coletivo com propósito definido; traços formais e padronizados; fundamentado em construções ideológicas e difere das ações do cotidiano. Portanto, o contexto vestigial dos sepultamentos, resulta de ações sociais realizadas durante o ritual funerário.

Através da realização do ritual funerário o grupo comunicava suas escolhas e preferências transmitidas através de suas tradições. Nesse sentido, transmitia uma parte de sua memória grupal, coletiva, manifestada e materializada no sepultamento. As estruturas funerárias se transformam em elementos que comunicam e que representam o grupo. Mas, por outro lado, o contexto da morte pode ser utilizado para legitimar o poder e as hierarquias; os mortos são usados para manter, ou aumentar o poder sobre outros membros da sociedade (PARKER PEARSON, 1999; RAKITA; BUIKSTRA, 2005). Infelizmente, o arqueólogo tem acesso apenas ao resultado final do processo, e principalmente pelos limites impostos pela má conservação e destruição do registro.

## O Sítio do Evaristo I

O Sítio do Evaristo I situa-se no município de Baturité, na porção norte do Estado do Ceará, nordeste brasileiro (Figura 1). A região é caracterizada geomorfologicamente como Maciço do Baturité e o relevo é constituído por elevações entre 600 a 1200 m e depressões, resultantes das variações paleoclimáticas e dos processos morfodinâmicos.

Figura 1- Mapa de localização do sítio arqueológico Evaristo I com as áreas de escavação



### **Intervenções arqueológicas: resgate das urnas funerárias**

As primeiras pesquisas arqueológicas no sítio Serra do Evaristo I foram realizadas em 2013, sendo iniciadas com o levantamento plano altimétrico da área, incluindo o mapeamento metódico dos remanescentes funerários expostos e a coletas dos vestígios arqueológicos de superfície. Neste sítio também foram realizadas prospecções de superfície e subsuperfície para identificar a extensão do depósito junto da área de afloramento das urnas funerárias. Nas estruturas identificadas foram traçadas trincheiras e unidades de escavação de forma a se obter dados morfológicos mais precisos sobre o contexto arqueológico. As vasilhas identificadas em superfície, isoladas ou em conjunto foram definidas como unidades de escavação. Procurou-se, nesse processo, verificar os perfis verticais e a superfície horizontal para a detecção de marca de cova e as correlações contextuais significativas, como manchas de fogueiras ou outras associações. Nesse sítio, foram escavadas 18 unidades de escavação (UEs) relacionadas às vasilhas identificadas e que estavam aflorando na superfície (OLIVEIRA; PEDROZA 2014).

### **Estruturas funerárias Escavadas**

A escavação foi iniciada pelas áreas onde estavam localizadas as vasilhas já expostas, definidas individualmente ou em conjunto, como unidades de escavação. As vasilhas (Figuras 2 a 7) foram retiradas em blocos enfaixados com filme plástico e, posteriormente, foram escavadas em laboratório com o registro e coleta de novas amostras.

De dezoito (18) vasilhas escavadas apenas seis (6) (33,33%) apresentaram remanescentes ósseos humanos (vasilhas V2C, V3, V5, V7A, V8 e V14). As demais não apresentaram evidências macroscópicas da presença de ossos ou dentes humanos.



Figura 2 - Unidade 01



Figura 3 - Unidade 2



Figura 4 - Unidade 3



Figura 5 - Unidade 7



Figura 6 - Unidade 7



Figura 7 - Unidade 8



Fonte: OLIVEIRA; PEDROZA (2014).

## **Evidências de práticas funerárias de grupos ceramistas**

O contexto das pesquisas realizadas na Região Nordeste, em específico, de algumas áreas arqueológicas com evidências funerárias de grupos ceramistas, apresenta dados sistemáticos, resultantes de pesquisas em áreas já delimitadas, mas também informações pontuais, sem configurar estudos sistemáticos. Neste caso, consideram-se os grupos pré-históricos que utilizaram as vasilhas e os fragmentos de cerâmica, em contexto funerário.

No nordeste do Brasil foram registrados vários sítios arqueológicos de grupos ceramistas com vestígios ósseos humanos localizados tanto em abrigos sob rocha como em sítios a céu aberto. A seguir serão descritos alguns exemplos registrados nas áreas arqueológicas como o Agreste pernambucano, a Serra da Capivara no Piauí, a região de Xingó entre Sergipe e Alagoas e Seridó rio-grandense.

Alguns abrigos da região do Agreste pernambucano apresentam remanescentes humanos. Podem-se destacar, no município de Venturosa, Agreste Meridional, os sítios Morro dos Ossos, Pedra do Tubarão e o Cemitério do Caboclo (MARTIN, 2005). Nestes sítios foram encontrados enterramentos secundários, com ossos desarticulados, queimados e quebrados e, às vezes enterramentos primários, com ou sem acompanhamento funerário.

No PARNA do Catimbau, Buíque, Pernambuco, destaca-se o sítio Alcobaça. Neste sítio foram identificadas três áreas distintas de ocupação humana. Na primeira, estavam os enterramentos secundários, em covas que apresentavam ossos queimados e, como acompanhamentos, restos de uma cestaria trançada, cordões e óxido de ferro com marcas de uso, com enterramentos coletivos, secundários, alguns envolvidos em trançados de fibras vegetais. Nesta área foram identificados cinco (5) enterramentos, com a presença de vinte e três (23) indivíduos (identificados pelo número mínimo de indivíduos). Os enterramentos desse abrigo estão datados em  $2466 \pm 26$  BP a  $1873 \pm 24$  BP (OLIVEIRA, 2001). Em três sepultamentos coletivos foram encontrados fragmentos de cerâmica (sepultura 1, 2 e 4).

Outras evidências de enterramentos foram localizadas no município de Brejo da Madre de Deus, no sítio Furna do Estrago, e no sítio Cachorro II, em Tacaimbó; Pedra da Caveira, localizado em Caruaru, e nos sítios Pedra dos Índios e Furna do Nego, localizados em

Jataúba (SANTOS, 2007). No sítio Furna do Estrago há oitenta e um (81) indivíduos catalogados que apresentavam boa conservação dos ossos.

Por sua vez, no Estado do Rio Grande do Norte, na área do Seridó, as evidências arqueológicas demonstram que os lugares elevados foram utilizados para realização de rituais e como cemitérios, como é o caso dos sítios Mirador e Pedra do Chinelo, localizados no município de Parelhas, e os sítios Casa da Pedra e Pedra do Alexandre, situados em Carnaúba dos Dantas. Contudo, as evidências da presença de cerâmicas foram constatadas no sítio Pedra do Chinelo.

No abrigo Pedra do Chinelo foram evidenciados ossos humanos pertencentes a, pelo menos, dois indivíduos, uma criança e um adulto. Esses ossos foram datados pelo radio carbono em  $1991 \pm 28$  anos BP (CSIC 1802). (MARTIN, 2003; VIDAL, 2002). Na opinião de Vidal (2002), os vestígios encontrados podem indicar, ao menos, duas ocupações. A primeira é mais antiga, com presença de grupos ceramistas, e do período em que foi utilizado como cemitério.

No Piauí, na área do Parque Nacional Serra da Capivara, foram localizados vários sítios arqueológicos de grupos ceramistas com evidências de enterramentos. No Toca do Congo I foram identificados e escavados quinze (15) enterramentos, dos quais quatro (9) estavam diretamente no solo e dois (6) em urnas funerárias (MARANCA, 1976, 1991). Também na região do Gongo está localizado o sítio Toca do Arapuá do Gongo. Apresentava como vestígios, fragmentos de cerâmica e enterramentos primários em urnas e em fossa, diretamente na terra (ARNAUD et al., 1984).

A aldeia de Cana Brava localiza-se ao sul do Parque Nacional Serra da Capivara, no povoado de Cana Brava, que faz parte do município de Jurema do Piauí. Neste sítio foram registradas dez (10) vasilhas como urnas funerárias. Porém, após as escavações das urnas, ficou constatado que apenas cinco continham vestígios humanos. As análises indicaram tratar-se de enterramentos primários de crianças com idades entre um a sete anos (CASTRO, 1999). Neste sítio foram obtidas duas datações:  $790 \pm 50$  BP (BETA-106389) de carvões que se

encontravam na urna do enterramento número 10, e  $490 \pm 50$  BP (BETA-106388) de carvões de uma fogueira.

O sítio São Braz localiza-se também ao sul do Parque Nacional Serra da Capivara, no município de São Braz. De acordo com Maranca (1991), desde 1974, foram escavados nesse sítio enterramentos em urnas. Posteriormente, em 1997 foi resgatada outra urna, localizada dentro da área da cidade, sede do município. A escavação da urna evidenciou apenas partes de um enterramento primário em decúbito lateral esquerdo (OLIVEIRA, 1997). De carvões provenientes do interior da mesma obteve-se a datação de  $880 \pm 50$  BP (BETA-116929).

O abrigo Toca da Baixa dos Caboclos está localizado na Fazenda São Francisco, município de Gervásio de Oliveira, sudeste do Estado do Piauí. Foram descobertos nove (9) enterramentos, oito (8) em urnas e um (1) em fossa diretamente no solo. Pele e carvão da urna n. 1 foram datados. Os resultados para a datação da pele são de  $371 \pm 40$  BP (BETA - 113115) e  $310 \pm 50$  BP (BETA -114558); para o carvão, a datação é de  $450 \pm 40$  BP (BETA -113114) (GUIDON et al, 1998).

As pesquisas realizadas na Área Arqueológica de Xingó, no Baixo São Francisco, registraram três sítios com evidências funerárias associadas a grupos ceramistas: Justino, São José II e Jerimum. O sítio Justino foi ocupado, durante um longo período, por grupos ceramistas e não ceramistas. As datações em carvões de fogueiras demonstram uma sequência cronológica compreendida entre  $8980 \pm 70$  BP (BETA 86745) e  $1280 \pm 45$  BP (LYON 5750). Foram identificados cento e sessenta e sete (167) enterramentos, totalizando cento e oitenta e cinco (185) esqueletos, entre primários e secundários, de adultos, em sua maioria, e que apresentavam material lítico e cerâmico associado; além de concentrações de ossos e cremações (VERGNE, 2005). O resultado do estudo no sítio São José II atesta a presença dos seguintes vestígios: peças líticas, fragmentos cerâmicos, carvão, ossos de animais e 30 enterramentos. Já no sítio Jerimum, Canindé do São Francisco, Sergipe foram evidenciadas dez (10) estruturas funerárias e exumados onze (11) indivíduos. Os enterramentos identificados eram primários e os corpos foram depositados diretamente sobre o solo, em duas posições: decúbito lateral direito e decúbito dorsal. O resultado do trabalho atesta a

presença dos seguintes vestígios: estruturas funerárias com seus acompanhamentos, material lítico, fragmentos cerâmicos, ossos de pequenos animais, conchas, estruturas de fogueiras e material histórico (OLIVEIRA et al., 2005). Dos sítios pesquisados pelo MAX, excetuando o Justino, é o que apresenta a maior quantidade de vestígios cerâmicos.

No Ceará, por sua vez, as pesquisas sistemáticas sobre os grupos pré-históricos ceramistas foram iniciadas recentemente, localizando vários sítios arqueológicos de diversos grupos ceramistas em áreas litorâneas (NOBRE, 2013; SOARES, 2011; SOUSA, 2011) e no interior do estado (MACHADO, 2010). Contudo, esses trabalhos não tratam sobre práticas funerárias de grupos ceramistas. Os trabalhos estão focados na caracterização da tecnologia cerâmica.

A partir do que foi relatado acima em outras áreas do nordeste do Brasil percebe-se o uso da cerâmica em diferentes situações: ora como invólucro, para conter o corpo, e como tampa; ora como acompanhamento funerário em forma de fragmentos ou de vasilhas inteiras. Por isso o trabalho realizado no sítio do Evaristo I torna-se uma primeira caracterização tanto das práticas funerárias como dos vestígios ósseos, pois os dados existentes são, até o momento, para o Ceará, são iniciais.

Em Baturité, município no qual se localiza a serra do Evaristo, está registrado no CNSA/IPHAN quatro (4) sítios arqueológicos, dentre os quais aparecem os sítios CE - BA - 01, (com o número de registro oficial junto ao IPHAN - CE 0001), e CE - BA - 02 (CE 0002), enquadrados na categoria “gravura rupestre”, sem qualquer outra informação contextual. Para o sítio CE - BA - 02 existem informações de que as “inscrições” rupestres estão em rochas que afloram à margem esquerda do riacho dos Frios, na Fazenda Logradouro. Constam ainda no CNSA, os sítios Serra do Vicente (CE 00072) e o sítio Evaristo (CE 00455), este último, objeto específico deste trabalho.

O sítio Serra do Vicente está localizado nas proximidades da Serra do Evaristo. Foi objeto de estudos arqueológicos no início da década de 1970. Neste período o município recebeu a visita dos integrantes do Centro de Informações Arqueológicas (CIA), sob a coordenação dos arqueólogos Milton Parnes e Alfredo Mendonça de Souza (1971). Segundo

os mesmos, diversas correlações puderam ser obtidas a partir das cerâmicas da Serra do Vicente (CE – BA – 01) e a fase Aratu, descrita por Calderón em 1969, para o norte da Bahia.

Entre os pontos de contato, destacam:

(...) os enterramentos apresentaram-se em grupos de 3 a 4 urnas em lugares elevados; urnas funerárias piriformes; as urnas são tampadas por tigelas ou fragmentos de vasilhas, em posição invertida; ocorrem discos cerâmicos perfurados associados; o tempero, que permitiu Calderón dividir em 3 tipos a cerâmica das fases (...); as tigelas de bordas onduladas, ocorrendo bicos espaçados, eqüidistantes ou não; altura das urnas, entre 55 e 75 cm (PARNES; SOUZA, 1971).

O relatório aponta para a necessidade de retorno à área, com o propósito de aprofundar as pesquisas, o que por sua vez não ocorreu. O relatório do Centro de Informações Arqueológicas (CIA) informa que, dentre as urnas recuperadas nos cortes realizados na Serra do Vicente, três que se encontravam mais preservadas, foram deixadas no Ceará. No Museu do Ceará, em Fortaleza, foi identificada uma vasilha similar àquelas que vêm sendo identificadas atualmente na Serra do Evaristo (Figura 8). Parece tratar-se, portanto, de um dos recipientes deixados no estado, tomando-se por base a visualização de alguns elementos identificáveis nas ilustrações apresentadas no relatório do CIA e, ao mesmo tempo, no exemplar exposto naquele Museu.



**Figura 8** - Urna funerária



Fonte: Acervo do Museu do Ceará – Fortaleza  
(supostamente proveniente da Serra do Vicente - Baturité – CE)

As pesquisas realizadas na atualidade são de extrema importância para o conhecimento do povoamento pré-histórico do Ceará no que diz respeito, particularmente, às práticas funerárias destes grupos ceramistas.

## **Resultados**

Estudos arqueológicos sob uma perspectiva das práticas funerárias em cemitérios pré-históricos produzem uma série de informações sobre as características bioantropológicas, socioculturais e de comportamentos funerários de populações humanas extintas. Em uma microescala, individual, os dados mortuários informam sobre os eventos sofridos por um indivíduo durante o seu tempo de vida e, em larga escala, uma história demográfica, epidemiológica e sociológica de uma população do passado.

### **Sepultamentos identificados**

Os remanescentes humanos presentes nas urnas indicam, pelo menos, a presença de quatro (4) subadultos e dois (2) adultos, especificamente.

### **Vasilha cerâmica V2C – Sepultamento 1**

A unidade de escavação 2 apresentou um conjunto de artefatos cerâmicos recobrando uma urna contendo ossos humanos e demais remanescentes do ritual de sepultamento. A vasilha cerâmica V2B encontrava-se sobreposta (como uma “tampa”) e emborcada sobre a boca da vasilha V2C. A urna contendo o cadáver foi depositada a mais de um metro de profundidade. Trata-se de uma deposição funerária primária, simples, com corpo depositado no interior de um recipiente cerâmico com finalidade específica de inumação. O corpo encontrava-se em decúbito vertical – sentado – com membros inferiores e superiores fletidos, com mãos e pés próximos, com a cabeça junto dos joelhos ou entre eles. Sobre o corpo foram registrados blocos e lascas líticas, fragmentos cerâmicos de vasilhas, sedimento com cinzas, carvão, e remanescentes de fauna e flora. As características observadas no crânio indicaram tratar-se de indivíduo masculino, adulto, com mais de 50 anos de idade. A presença de acompanhamentos funerários e remanescentes de fauna e flora indicam a existência de rituais funerários realizados antes da inumação e que, em parte ou no todo tiveram seus restos incluídos nos materiais associados dentro da urna, que foi fechada com tampa e recoberta com fragmentos de outras vasilhas.

Sobre a V2B (tampa), foram localizados outra vasilha cerâmica e um fragmento de 1/3 de outro recipiente, formando um conjunto de associações funerárias relacionadas. Essa ocorrência pode indicar uma sucessão de deposições funerárias numa mesma cova ou uma deposição específica, complexa e com dispêndio significativo de energia pelo grupo em relação à realização do funeral e do próprio enterro.



**Figura 9** - Sepultamento 1, UE2: esqueleto em posição vertical, fletido



### **Vasilha cerâmica V3 – Sepultamento 2**

A vasilha V3, caracterizada como urna funerária, continha ossos e dentes humanos extremamente decompostos, em estado ruim de preservação. Tratava-se de um indivíduo adulto, com ossos desarticulados. A mandíbula voltada para baixo e um osso longo posicionado lateralmente indicam uma posição sentada, com membros fletidos.

### **Vasilha cerâmica V5 – Sepultamento 3**

Esta vasilha continha remanescentes humanos de pelo menos um indivíduo subadulto, com idade aproximada de 4 anos. A urna funerária V5 apresentou 43 coroas dentárias. O traço não métrico “dente em forma de pá” (*shovel-shaped*), presente na amostra, especificamente nos incisivos, indica a ancestralidade com os povos indígenas americanos (WHITE, FOLKENS, 2005, p. 404; MAYS, 2002).

### **Vasilha cerâmica V7A – Sepultamento 4**

Muito alterada, apresentou remanescentes de pelo menos um indivíduo adulto, existindo a possibilidade da presença de um subadulto.

### **Vasilha cerâmica V8 – Sepultamento 5**

A vasilha encontrava-se extremamente destruída, com ausência de cerca de 2/3 da sua estrutura ou mais. Em seu interior apresentou remanescentes de um subadulto junto da base. A idade aproximada e demais informações demográficas estão em processamento. A posição do corpo não pôde ser recuperada pelo método empregado.

### **Vasilha cerâmica V14– Sepultamento 5**

Extremamente alterada, apresentou remanescentes de um subadulto junto da base. No seu interior estavam depositados cerca de 4 fragmentados de um vasilhame cerâmico. Em consequência do estado severo da decomposição e incompletude óssea e dentária da amostra, os dados demográficos ficaram prejudicados.

### **Discussão**

Os vestígios arqueológicos do sítio Evaristo I indicam a presença de remanescentes de práticas funerárias com cronologia de  $750 \pm 40$ BP obtida para o sepultamento 1. Existem similaridades entre as características contextuais das instâncias operacionais das práticas funerárias de EV1 com alguns dos povos indígenas brasileiros, assim como em outros sítios arqueológicos da região nordeste.

No sítio Evaristo I foram utilizados métodos de pesquisa no solo não intrusivos e intrusivos. Os métodos não intrusivos incluíram a varredura sistemática por caminhamento, na qual, inicialmente, foram localizadas as vasilhas cerâmicas que estavam expostas em superfície, após intensa remodelação do terreno.

As vasilhas que haviam sido rompidas ou que se encontravam a pouca profundidade e sem “tampas”, apresentaram os remanescentes humanos em estado muito ruim de preservação – somente do esmalte dentário. A superficialidade dessas sepulturas propiciou a hiperfragmentação dos esqueletos pela ação da hidratação e desidratação intensas e sucessivas.

Quanto às deposições funerárias algumas considerações podem ser feitas para incluir as vasilhas cerâmicas, utilizadas como urnas funerárias, como partes constituintes do ritual funerário dos grupos ceramistas do sítio Evaristo I.

Ao adotar a distinção das vasilhas com presença de ossos e/ou dentes humanos como recipientes de corpos humanos durante contextos especificamente funerários observa-se que:

- 1) vasilha cerâmica V2 (A, B e C): constitui a deposição funerária ou sepultamento 1, contendo um esqueleto (1);
- 2) a vasilha cerâmica V3: constitui a deposição funerária ou sepultamento 2, contendo um esqueleto de adulto (1);
- 3) a vasilha cerâmica V5: é a deposição funerária ou sepultamento 3, contendo pelo menos um esqueleto de subadulto (a verificação de um segundo corpo ainda não foi possível devido ao estado de preservação dos dentes)(1);
- 4) a vasilha cerâmica V7 (A): é a deposição funerária ou sepultamento 4, contendo remanescentes extremamente decompostos de pelo menos um esqueleto ou de um adulto e um subadulto;
- 5) a vasilha cerâmica V8: deposição funerária ou sepultamento 5, contendo remanescentes de um subadulto (1);
- 6) a vasilha cerâmica V14: deposição funerária ou sepultamento 6, contendo remanescentes de um subadulto (1).

Assim, todas as vasilhas cerâmicas com presença de remanescentes humanos são parte de sepultamentos e devem ser consideradas como recipientes para os corpos em cada deposição funerária. Algumas questões, portanto, são formuladas em relação aos remanescentes humanos localizados no sítio Evaristo I.

Entre as dezoito vasilhas cerâmicas localizadas nas áreas escavadas, seis apresentaram remanescentes humanos, definindo a presença do uso funerário desses recipientes no sítio Serra do Evaristo I. Trata-se de uma área com presença de zonas cemiteriais ou os sepultamentos se encontram distribuídos por toda a área que foi outrora habitada pelos grupos ceramistas, não havendo uma zona específica para os sepultamentos?

A distribuição das inumações aparece em toda a extensão da estrada principal que corta a Comunidade do Evaristo, o que não significa que a distribuição das mesmas seja somente longitudinal, isto é, seguindo uma área alongada. A identificação de todas as urnas contendo remanescentes humanos – indicadoras de sepultamentos – ainda não possibilita o estabelecimento da forma e dimensões da área usada para cemitério pela população indígena no Evaristo.

Foram verificadas seis deposições funerárias com no mínimo um indivíduo inumado em cada uma, dentro de recipiente cerâmico. Devido ao estado de erosão da superfície do sítio, a maioria das urnas não apresentou “tampas”. Entretanto, isto não significa que não foram tampadas.

O solo endurecido gerou a necessidade do emprego de recursos técnicos de decapagem a seco, com instrumentos metálicos cortantes, raspadores, pontas metálicas e instrumentos odontológicos. Em casos extremos foi adotada a decapagem a úmido, por submersão e filtragem dos remanescentes cerâmicos e humanos.

Em relação às vasilhas que serviram para a determinação de unidades de escavação (UE), todas estavam com as bordas da boca fragmentadas, ausentes e com exposição de parte do bojo, assim como, em alguns casos, com rachaduras em decorrência de intervenções antrópicas severamente erosivas e que impossibilitaram a reconhecimento das superfícies das covas e demais estruturas eventualmente relacionadas a elas, como as marcas de sepulturas e oferendas. Nas unidades 1,2, 7 e 11, foi possível identificar fragmentos de vasilhas que estavam tampando as urnas.

A intensa fragmentação das bordas e partes superiores das vasilhas cerâmicas ocorreu na maioria dos casos, excetuando-se as vasilhas V2 (urna funerária sob três artefatos cerâmicos), V3 e V11 que possuíam vasilhas de pequena dimensão e espessura como acompanhamentos.

Procurou-se, nesse processo, verificar os perfis verticais e a superfície horizontal para a detecção de marca de cova e as correlações contextuais significativas, como manchas de fogueiras ou outras associações. Contudo, não foi possível identificar essas marcas. As urnas

foram localizadas pela sua exposição parcial, após intensiva erosão do solo arqueológico que se sobrepunha a elas. As áreas mais superficiais das deposições funerárias (sepultamentos), com exceção da Unidade 13 que estava fora das áreas aplainadas, não existiam mais em Baturité, dentro da área delimitada para as intervenções arqueológicas. Não foram observados contextos extra funerários tradicionais, como covas e sacrifícios e esqueletos resultantes do abandono de corpos ou outras variações. Em uma ampla superfície plotada, vasilhas cerâmicas aparecem em pequenas concentrações e distantes entre si.

A presença do emprego de urnas funerárias ou vasilhames cerâmicos com funções diversas, reaproveitados para uma função funerária, pode ser encontrado em povos indígenas que foram registrados na literatura etnográfica, conforme a listagem abaixo:

**Quadro 1**

<b>Povos indígenas</b>	<b>Práticas Funerárias com presença de vasilhames cerâmicos – urnas</b>
<b>Descrição das instâncias técnicas da deposição do cadáver</b>	
Camacan (Camacã, Mongoyó, Ezeshio), (ao norte do rio Pardo)	Deposição simples seguida de deposição composta ou secundária. Presença de preparação do corpo – esqueletonização – seguida da seleção e de pintura dos ossos que eram dispostos em uma urna funerária, enterrada em cova não muito profunda.
Carajá	Preparação do esqueleto, com raspagem dos ossos e deposição em urnas, deixadas sob árvores, em área de cemitério; Presença de duas áreas de cemitério, com e sem uso de urnas funerárias. O primeiro era usado temporariamente, para a decomposição dos tecidos moles do corpo. O segundo, para a deposição dos mesmos em urnas, que eram dispostas na superfície do cemitério.
Cayuás (guaranis), (Vale do rio Paranapanema, São Paulo)	Corpo depositado em urna funerária, sentado – de cócoras.
Chana, (delta do rio Paraná)	Os corpos dos subadultos são depositados dentro de grandes urnas, com ocre e solo que eram cobertas com placas largas.
Coroado, ( Serra do Mar)	Os cadáveres tinham seus membros quebrados – para evitar o retorno dos mesmos para assombrar os vivos – e eram depositados no interior de grandes vasilhas cerâmicas. A inumação era feita na própria área de habitação do morto, seus bens depositados sobre a sepultura e a estrutura da habitação era queimada.
Guajiro	O corpo é enterrado por um ou dois anos e exumados os ossos. Estes eram depositados dentro de um grande vasilhame cerâmico.
Guarani (Rio Grande do Sul)	O corpo ou os ossos descarnados eram colocados no interior de uma grande vasilha de argila, fora de uso doméstico e coberta por outra menor. Nas sepulturas depositavam pequenas tijelas com alimentos e bebidas. As sepulturas ocorriam nas áreas de habitação.

Guarani (São Paulo)	O corpo era depositado dentro de vasilhame cerâmico – urna funerária -, não entrando em contato com o solo da cova. O corpo era depositado em posição fletida. Verifica-se diferenciação nas inumações, com a cura de ossos e sepultamentos secundários (guerreiro).
Mundurucu	Os ossos de determinados membros do grupo eram queimados e inumados no solo, dentro de recipientes cerâmicos.
Pawishana, Atoraí	Os ossos eram pintados com urucu e depositados em urna funerária e sobre eles depositado o crânio.
Tucuna	O cadáver, com os seus ornamentos, é depositado em uma grande vasilha cerâmica para bebidas e enterrado em um cemitério. As oferendas são sempre renovadas na sepultura.
Tupinambá	Corpo depositado em urna funerária, seguindo-se o sepultamento; O morto é envolto na sua própria rede de dormir, em posição fletida e amarrado para ser depositado em um grande recipiente de argilavagens. O grande vasilhame é coberto com vasilhas usadas para banho. A urna era depositada em cova circular com aproximadamente 1,50m de profundidade, com fogueira e alimento. Tudo é recoberto com o solo retirado durante a abertura da cova. Adultos são enterrados na própria área da habitação e os subadultos do lado de fora.
Tupiniquin, (Piratininga, São Paulo)	Presença de urna funerária nos sepultamentos.
Tupi (São Paulo)	O corpo era depositado dentro de urna funerária, protegido do contato direto com o solo e em posição fletida – sentado. Prática da deposição direta do cadáver em urna funerária, protegendo-o completamente do contato com o solo da cova.

Fonte - SILVA, 2005, p. 87-96

No caso da sepultura 2 (V2), verificou-se a presença de corpo fletido, sentado. A deposição direta de corpos em urnas pôde ser observada entre os exemplos citados acima. Deposições compostas, com preparação do corpo pela esqueletonização, acelerada ou gradativa, resultam em desarticulação entre os ossos de forma generalizada, o que não foi observado nas urnas do sítio EV1.

Do mesmo modo, o uso das vasilhas em contextos funerários como urnas pode ser observado em outros sítios arqueológicos da região nordeste. Os resultados no sítio Evaristo corroboram com as informações procedentes de outros contextos arqueológicos.

No sítio Cana Brava, por exemplo, localizado em Jurema do Piauí, foram resgatadas dez (10) vasilhas. Do mesmo modo que no sítio Evaristo, após as escavações das urnas, ficou constatado que em apenas cinco (5) continham vestígios humanos. As análises indicaram tratar-se de enterramentos primários de subadultos com idades entre um a sete anos (CASTRO, 1999). Para a urna do enterramento número 10 obteve-se a datação de  $790 \pm 50$  BP

(BETA-106389). Estando o sítio Evaristo I (com  $750 \pm 40$ BP para o sepultamento 1) na mesma faixa cronológica. Também no sudeste do Piauí, no sítio São Braz, uma urna funerária continha parte de um enterramento primário em decúbito lateral esquerdo (OLIVEIRA, 1997). De carvões provenientes do interior da mesma obteve-se a datação de  $880 \pm 50$  BP (BETA-116929).

No sítio Toca da Baixa dos Caboclos, localizado no sudeste do Piauí, os enterramentos em urnas continham remanescentes de cinco (5) subadultos e três (3) adultos (GUIDON et al 1998). As datações obtidas ( $230 \pm 50$  BP a  $450 \pm 40$  BP) indicam que o sítio Toca da Baixa dos Caboclos foi utilizado por um grupo contemporâneo à colonização do interior do Piauí, entre 1500 e 1660.

Em outro sítio localizado no sudeste do Piauí, Toca do Serrote do Tenente Luiz, foram descobertos vinte e quatro (24) sepultamentos. Alguns foram depositados em urnas e outros, em fossas funerárias, diretamente no solo. Os enterramentos nas urnas eram caracterizados pelo uso de duas vasilhas: uma como envoltório para o corpo e a outra como tampa. Havia seis sepultamentos individuais em urnas e um duplo. Destes, sete indivíduos eram subadultos. Foram realizadas datações. Para o enterramento 9, de um indivíduo jovem, existem dois resultados para datação de dentes:  $920 \pm 35$  BP (Ua – 23386) e  $935 \pm 40$  BP (Ua – 22776). Uma terceira datação, de  $365 \pm 40$  BP (Ua – 22074), poderia indicar uma continuidade no sítio ou enterramentos de grupos distintos.

Observa-se que a prática do uso de vasilhames cerâmicos como urna funerária ou como parte do contexto funerário já está difundida no Nordeste deste antes de 1000 BP até o momento do contato como mostra os trabalhos citados acima (CASTRO, 1999, GUIDON et al 1998, KESTERING, 2005, OLIVEIRA, 1997).

Os exemplos acima de contextos provenientes de pesquisas arqueológicas realizadas na região nordeste atestam a variedade de situações em que as vasilhas foram utilizadas nas práticas funerárias. Assim, os resultados encontrados no sítio Evaristo I podem ser corroborados tanto pelos dados etnográficos como pelos resultados arqueológicos.

O estudo dos dados mortuários de natureza biológica e de origem cultural possibilita construir hipóteses sobre o comportamento dos extintos habitantes da Serra do Evaristo. Nesse sentido, até o momento, os vestígios encontrados indicam uma origem indígena da cultura e dos esqueletos estudados.

### Referências

- ALARCÃO, J. **Para uma conciliação das arqueologias**. Porto: Edições Afrontamento, 1996 (Histórias e Idéias, 7).
- ARNAUD, M-B. et al. **L'Aire archéologique du sud-est du Piauí Brésil: le milieu et les sites**. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1984 (Synthese, 16).
- BINFORD, L. R. Mortuary practices: their study and their potential. In: BROWN, J. A. (Ed.). Approaches to the social dimensions of mortuary practices. **Memoirs of the American Archaeology Society**, n. 25, p. 6-29, 1971.
- BROTHWELL, D.R. Digging Up Bones, **The Excavation, Treatment and Study of Human Skeletal Remains**. 3.ed. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1981.
- BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. (Eds.) Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains. n. 44. USA: Arkansas Archaeological Survey Research Series, 1994.
- CASTRO, V. M. C. **Sítio Cana Brava: contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do Sudeste do Piauí**. 1999. 109f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- GUIDON, N.; VERGNE, C.; VIDAL, I. A. **Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara**. *Clio*, Recife, v. 1, n.13, p. 127-138, 1998. (Série Arqueológica).
- HODDER, I. Postprocesual archaeology and the current debate. In: PREUCCEL, R. W. (Ed.). Processual and postprocessual archaeologies. Carbondale: **Center for Archaeological Investigation**, 1991, pp. 30-41.
- KESTERING, C. Um container de genes. In: **A hora da colheita**. Florianópolis, 2005, p. 93-108.



MACHADO, D. L. **Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d'água do Pau, em Mauriti, Ceará. 2010.** 115f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MAYS, S. *The archaeology of human bones.* London: Routledge, 2002.

MARANCA, S. Agricultores e ceramistas da área de São Raimundo Nonato, Piauí. **Clio**, Recife, v.1, n.4, (extra), p. 95-96,1991 (Série Arqueológica).

\_\_\_\_\_. A Toca do Gongo I - Abrigo com sepultamentos no estado do Piauí. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 23, p.159 -173, 1976.

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil.** 4. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.

NOBRE, J. N. S. **Memória social e espacialidade de grupos ceramistas em Trairi, CE.** 2013. 120f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

OLIVEIRA, C. A.; PEDROSA, I. **Relatório Final: Escavação Arqueológica do Sítio Funerário Serra do Evaristo I**, Município de Baturité – Ceará. Fortaleza: IPHAN, 2014.

OLIVEIRA, A. L. N. **O sítio arqueológico Alcobaça: Buíque, Pernambuco- estudo das estruturas arqueológicas.** 2001. 186f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

OLIVEIRA, C. A. **Relatório das escavações: Sítio Cana Brava - Jurema - Piauí.** São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 1997.

OLIVEIRA, C. A. et al. **Grupos pré-históricos do sítio Jerimum. Região de Xingó – Canindé do São Francisco, SE.** Aracaju: Museu de Arqueologia de Xingó, 2005.

PARNES, M.; SOUZA, A. M. **Centro de Informação Arqueológica.** Relatório das pesquisas no Ceará (mimeografado), 1971.

PARKER PEARSON, M. **The archaeology of death and burial.** Texas: Texas A&M University Press, College Station, 1999.

PEIRANO, M. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, M. G. S. (Org.) **O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2000.

PETTITT, P. **The Paleolithic Origins of Human Burial.** London: Routledge, 2011.

RAKITA, G. F. M; BUIKSTRA, J. E. Introduction. In: RAKITA, G. F. et al. (Eds). *Interacting with the dead. Perspectives on mortuary archaeology for the new millennium*, Florida: University Press of Florida, 2005, p. 1-14.

SAXE, A. A. **Social dimensions of mortuary practices**. University of Michigan: Ann Arbor, 1970. Tese (PhD).

SANTOS, C. A. **Relatório do projeto O patrimônio arqueológico pré-histórico no Agreste pernambucano: fronteiras de valorização**. Recife, 2007.

SILVA, S. F. S. M. 2001. **Um outro olhar sobre a morte: arqueologia e imagem de enterramentos humanos no catálogo de duas coleções – Tenório e Mar Virado, Ubatuba, São Paulo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, S. F. S. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 15-16, p. 113-138. 2005-2006.

SILVA, S. F. S. M.; CALVO, J. B. Potencial de análise e interpretação das deposições mortuárias em arqueologia: perspectivas forenses. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: USP, v. 17, p. 469-491, 2007.

SOARES, K. A. **Caracterização do(s) grupo(s) ceramista(s) da enseada de Jericoacoara, extremo litoral noroeste do estado do Ceará: subsídios tecnológicos, crono-estratigráficos e etno-históricos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SOUSA, L. D. A. **Os grupos pré-históricos ceramistas da praia de Sabiaguaba, Fortaleza, CE**. 2011, 200f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SPRAGUE, R. *Burial Terminology: A guide for researchers*. New York: AltaMira Press, 2005.  
TAINTER, J. A. Mortuary practices and the study of prehistoric society. In: SCHIFFER, M. B. (Ed.). **Advances in archaeological method and theory**. v.1, New York: Academic Press, 1978. p.105-141.

VIDAL, I. A. Projeto arqueológico do Seridó: Escavação no Sítio Pedra do Chinelo, Parelhas, Rio Grande do Norte. Primeiros resultados. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 1, n.15, p. 157-169, 2002.

VERGNE, C. **Cemitérios do Justino - Estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe**. Sergipe: Museu de Arqueologia de Xingó, 2005.

WEISS-KREJCI, E. The formation of mortuary deposits. Implications for understanding mortuary behavior of past populations. In. AGARWAL, S. C.; GLENCROSS, B. A. **Social bioarchaeology**. United Kingdom: Wiley-Blackwell. p. 68-106. 2011.

WHITE, T. D.; FOLKENS, P.A. **The human bone manual**. New York: Elsevier Academic Press. 2005.

Artigo recebido em 30 de agosto de 2014. Aprovado em 05 de janeiro de 2015.